

IMAGENS DO REMEDIADO

... indivíduos de ocupações mais ou menos incertas e aleatórias ou sem ocupação alguma.

Caio Prado Jr.

*Para Roberto Schwarz,
pela sugestão*

O discurso romântico representa a pobreza pelo recurso ao pitoresco. O pitoresco é a condição do "pobre" quando ele não chega a ser representado em si, mas mascarado pelo tom rústico, que o relaciona positiva e diretamente com o fausto infeliz e citadino da riqueza. O discurso romântico não marca lugares equidistantes e estanques para o rico e o pobre; costuma encobrir a distância por uma aproximação de colorido rústico mas com resultado brejeiro. O drama romântico, pela aproximação, nega ao mesmo tempo a tragédia e a comédia. O brejeiro é a forma por excelência da ideologia liberal; a "carnavalização" é a última e a mais requintada das formas do brejeiro. A graça e o riso no discurso romântico de Chaplin (o último grande autor romântico) são despertados pela ausência de barreira nítida entre o rico infeliz e o pobre feliz — veja-se *Luzes da Cidade*. Há por isso, apesar da corrosão social gerada pelo sarcasmo e pela ironia inerentes ao brejeiro, sempre lugar para uma nota de esperança em dias futuros: o pobre sai em busca do dinheiro que não traz a felicidade e o rico, da felicidade que não traz o dinheiro. Encontram-se ambos numa "conclusão feliz" — como anuncia o último capítulo de *Memórias de um Sargento de Milícias*. O "feliz", é claro, encontra-se por sua vez irremediavelmente corroído pelo sarcasmo que vai sendo instilado no leitor pelo próprio romance. Em busca da felicidade utópica saem todos, pobres e ricos. Menos nós, leitores, que esboçamos um ligeiro sorriso nos lábios.

Memórias trapaceia maravilhosamente com a oposição entre pobre e rico (fidalgos e escravos), colocando-a como discretíssimo pano de fundo para a ação do romance. Como em todo telão pitoresco, esse pano de fundo representa as figuras pelo contraste de luz e sombra: tristeza entre os ricos e alegria entre os pobres (no nosso caso, devidamente recobertas pela ironia). A casa de um “fidalgo de valimento” tinha “um aspecto triste no exterior; quanto ao interior, andava pelo mesmo conseguinte”. Na procissão, o rancho das baianas, pela graça das roupas, era promessa de “perdição e de pecados”. Pena que não fossem brancas — lamenta o narrador. Trapaça feita, resta o segmento social que tem a pobreza e a riqueza extremas como parâmetro para o seu comportamento: da pobreza, quer a felicidade (o ócio e a festa); da riqueza, o dinheiro. Eis os “homens livres” e a “dialética da malandragem”, como a configurou Antonio Candido.

Memórias de um Sargento de Milícias não tematiza nem a riqueza nem a pobreza absolutas. Só os percalços dos remediados. Eis alguns deles.

Otário. Os remediados vivem de expediente para poder sobreviver economicamente — como é o caso do Caboclo velho que tem “por ofício dar fortuna”. Atestando sobre o seu passado que o romance silencia, fala sua condição atual que é duplamente miserável: tal cara, tal casa. A cara é hedionda e imunda, e o corpo, coberto de farrapos. Ao lado de um charco, a casa aparece enlameada, com paus, esteiras e caixotes servindo de móveis. É esta casa miserável de um miserável que serve de ponto de encontro para os necessitados da sorte, tanto “gente do povo” quanto “muitas pessoas da alta sociedade”. Estas e aquelas vão ali “comprar” (o termo é textual) o que o dinheiro não traz: venturas e felicidades.

Eis a mercadoria que esse negro presumivelmente alforriado encontrou para vender, pois as provas de nigromancia começavam por uma “contribuição pecuniária”. Como em toda transa de expediente, a mercadoria de que se vale o vendedor é ilícita, sua comercialização estando cercada portanto de risco e perigo. Daí o aparecimento consecutivo do Vidigal, chefe de polícia implacável.

O curioso — será tão curioso assim num romance omissivo na representação do todo social? — é que nada se sabe do destino

judiciário do Caboclo velho, assim como nada se soube do seu passado social. Leonardo Pataca, ficamos sabendo, foi parar na cadeia. Eis o toque de verossimilhança ideológica: vítima é só o comprador, ele é que transgride a lei. Otário é quem compra; esperto é quem vende.

Herdeiro de araque. O compadre, barbeiro de profissão, foi menino-solto no mundo. Por isto, entenda-se o personagem a quem se nega a possibilidade de uma referência precisa à árvore genealógica (diferente do negro, onde há apenas silêncio; diferente da família de Tomás da Sé, onde há apenas enfado do narrador). Diz o romance: “Se alguém perguntar ao compadre por seus pais, por seus parentes, por seu nascimento, nada saberia responder, porque nada sabia a respeito”. Sem família que o encaminhe na vida, agrega-se a uma, onde é ao mesmo tempo fâmulos e filho. Jovem, vive de “ganchos” para se sustentar. Rebelde e foragido de casa, é médico de araque num navio negreiro. Aí aprende lição de vida: otário é quem toma por legítimo o falso.

Filho-solto-no-mundo encontra no navio, onde serve de “médico”, o pai-solto-no-mundo que lhe corresponde nesta ética da aventura individual e do expediente. À beira da morte, o velho marujo entrega-lhe a fortuna para ser encaminhada à sua filha legítima. O futuro compadre pensa estratégia melhor ao desembarcar no porto do Rio de Janeiro: “institui-se herdeiro do capitão”. Legítimo por legítimo, também o é o de araque. Depende da ótica.

Eis a origem da fortuna que Leonardo filho, o afilhado, recebe no dia do seu casamento com Luisinha. A outra vem pelas mãos da esposa: a herança de Dona Maria. Duplamente afortunado. Futuro risonho pela frente.

As formas do mercantilismo. A maioria da gente livre é ociosa e feliz, e o é porque é desempregada. Por isso busca formas estratégicas de obter dinheiro com a mercadoria que pode inventar e vender. (Salário só têm os ociosos que estão a serviço do Rei, como os oficiais que dormitam no “pátio dos bichos”). Os ciganos são gente ociosa e de poucos escrúpulos e por isso mesmo festeiros. Todo dia é dia de festa. O ócio ao se contaminar pelo negócio perde o caminho linear da retidão moral. Ócio + negócio = velhacaria é o forte dos ciganos: “ninguém que tivesse juízo se metia

com eles em negócios, porque tinha certeza de levar carolo". O fim é previsível, haja otários.

Qualquer coisa pode ser mercadoria no mundo dos ociosos. Chico-Juca vende a força dos braços e a coragem para a briga. Temido e respeitado, "não havia taverneiro que lhe não fiasse e não tratasse muito bem". Ninguém fica sem vender o que tem por causa da má fama: capitaliza-se sem qualquer menção aos valores éticos. Os ciganos continuam negociantes apesar da (má) fama e para manter a (má) fama Chico-Juca é capaz de brigar grátis.

Pode-se vender também a sua condição de macho. Leonardo, sem profissão e destinado a ser vadio-tipo, aproxima-se da sobrinha de Dona Maria, assim como o tagarela e mentiroso José Manuel. "Dona Maria era, como dissemos, rica e velha; não tinha outro herdeiro senão sua sobrinha: se morresse Dona Maria, Luisinha ficaria arranjada, e como era muito criança e mostrava ser muito simples, era uma esposa conveniente a qualquer esperto que se achasse (...) em disponibilidade". O romance não se contenta com a dramatização das intenções masculinas, aclara-as: "o padrinho enxergava na sobrinha de Dona Maria um meio de vida excelente para o seu rapaz". Há meios e meios de vida, e mercantilização do pênis pelo golpe do baú é o mais à mão para os que, sem fortuna pessoal ou familiar, procuram ser remediados na vida.

(1982)

A COR DA PELE

Adão Ventura, poeta negro mineiro, acaba de publicar uma coleção de poemas sob o título de *A Cor da Pele*. À primeira vista, o livro escapa à tradição modernista da poesia negra, pois nele não encontramos referências concretas e precisas a elementos de cultos africanos ou afro-brasileiros, como ainda nele não lemos transcrições fonéticas um pouco ridículas do que seria o falar "estropiado" do negro. Basta uma leitura rápida dos poemas negros de um Jorge de Lima, ou de um Raul Bopp, para de imediato percebermos que a poesia de Adão Ventura é também negra, mas de outra estirpe.

Adão Ventura filia-se ao que se poderia chamar — insistindo ao máximo no paradoxo — a tradição ocidental da poesia negra, tradição esta elevada à condição soberana por um Cruz e Souza em pleno movimento simbolista. Isto quer dizer que Cruz e Souza e Adão fazem legítima poesia ao mesmo tempo que fazem excelente poesia negra. Isto porque o elemento negro no poema não é produto da ornamentação vocabular, o que apenas denotaria certo exotismo tão ao gosto de poetas de linha romântica. O negro como produto da ornamentação vocabular acaba por dar origem a uma poesia, como diria Oswald de Andrade comentando o farisaísmo folclórico de Cassiano Ricardo, que é "macumba pra turista". O elemento negro, na poesia de Cruz e Souza e nestes curtos poemas de Adão, advém do drama negro que é refletido pela poesia e que o poema (sem cor vocabular) carrega de alta tensão emocional. O elemento negro no poema, íntimo ou histórico, social ou racial, é antes sujeito ou objeto de reflexão do que arabesco de decoração. Enquanto reflexão, apela para a consciência crítica do leitor e para a revolta contra o estado passado e presente.

Para o poeta negro a cor do vocabulário não tem importância, ou não tem a importância que a ela lhe emprestam os "estudiosos brancos" da questão negra nos trópicos. A originalidade da poesia de Adão advém do sentimento da cor da pele. A cor da pele: algo